

EDIÇÃO DIGITAL DE SERMÃO DE FREI DOMINGOS: PAIXÃO VIRTUAL

Marília Andrade Nunes (UFBA)

nunes.mandrade@gmail.com

Alícia Duhá Lose (UFBA/FSB-BA)

alicialose@gmail.com

1. *Considerações iniciais*

“A filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem” (AUERBACH, 1972, p. 11). É ofício do filólogo produzir uma boa edição, a fim de trazer a lume o texto fidedigno, o que possibilitará analisar a língua e, com isso, compreender a realidade histórica daquele documento. O filólogo pode também se ocupar em refazer os caminhos de um texto ao longo de seus diferentes testemunhos, ou ainda de trazer para a modernidade o conteúdo de obras de épocas passadas. Percebe-se que tão abrangente como o conceito de filologia são as atribuições do filólogo.

Edição paleográfica, semidiplomática, fac-similar, crítica, genética, modernizada... Os tipos são vários e a preferência dos editores, diversificada. Tanselle (1983) incentiva “um intercâmbio não só entre editores de manuscritos e editores de obras impressas, mas também entre editores com diferentes objetivos, tais como editores de textos críticos e de textos diplomáticos”. Aliás, o papel e influência do editor, tipos e critérios de edição são temas de grandes discussões ainda hoje. Greg (1950) defende “uma teoria eclética da edição, que permita comparações com outros textos impressos ou manuscritos que possam ter sido revistos ou não pelo autor” (SOUSA, 2004).

Com o advento das novas tecnologias, é pertinente repensar esse ecletismo de edições, bem como o papel do filólogo, afinal, segundo Ivo Castro (1995), “nenhum filólogo trabalha livre das condições de seu tempo”. Como a filologia se comporta nesse novo cenário do mundo virtual? Pode o filólogo editar documentos oriundos desse mundo? Como editar tais textos? Que tipo de edição contemplaria as características da era digital? A seguir, busca-se refletir, ainda que em nível inicial, sobre tais questões. O trabalho ora apresentado almeja também apresentar uma prévia da *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos*.

2. *Edição digital: uma realidade virtual*

É difícil imaginar um pesquisador que trabalhe hoje sem utilizar qualquer ferramenta tecnológica, seja no manuseio do seu objeto, na etapa de coleta de informações, na sua análise ou na apresentação dos resultados. Isso se aplica ao pesquisador filólogo.

A filologia, a exemplo de várias outras ciências, também está inserida no mundo cibernético, sem que, para isso, seja obrigada a se desvencilhar do mundo antigo. Portanto, o moderno e o tradicional têm seu papel e valor garantidos, são complementares, podem ser aliados na busca pelo êxito do labor filológico (NUNES; LOSE, 2010).

Essa tecnologia trouxe mudanças no comportamento do filólogo e no tipo de documento usado em suas edições. Hoje, Cirillo (2012) divide os documentos em dois tipos: tradicionais e virtuais. Tradicionais são aqueles constituídos em suportes clássicos e com grafias com instrumentos materiais, como lápis e caneta; já os virtuais – documentos que se encontram no meio digital – são divididos em dois subgrupos: os digitalizados e os digitais.

Os arquivos digitalizados são aqueles que nascem na materialidade dos documentos tradicionais e são [...] posteriormente, digitalizados; ou poder-se-ia dizer, numeralizados, transformados em bits – o que sujeita a matéria a uma existência binária condicionada à capacidade de armazenamento e processamento dos dados numéricos (CIRILLO, 2012).

Consideram-se documentos digitais aqueles concebidos em “meio mecânico de representações numéricas (bits)”, a partir de ferramentas virtuais.

Cirillo considera ainda que os documentos digitalizados podem constituir uma categoria intermediária – a dos híbridos, por serem inicialmente tradicionais, depois virtuais, e, posteriormente, poderem voltar a ser tradicionais, se reimpressos.

A digitalização de documentos tem como grande benefício a preservação do original, visto que evita seu contato direto e constante, afinal, muitas vezes, se trata de material antigo e deteriorado. Ela permite, ainda, a flexibilidade desses documentos, que podem ter ajustes na cor, brilho, contraste, tamanho, facilitando, por exemplo, sua leitura e transcrição.

Porém, a tecnologia possibilita ao editor ir além da digitalização, não se constituindo apenas como mais uma ferramenta, assim como se configurava, por exemplo, a lupa; também não se limita a desempenhar o

papel de suporte, como foi o pergaminho no passado. Essa tecnologia permite a concepção de outro tipo de edição: a digital.

A edição digital, e não edição meramente em formato digital, mostra-se um tipo completamente adequado à filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse esse texto, e, conseqüentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza. O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana (LOSE, 2011).

Para se produzir essa edição, faz-se necessário adotar uma metodologia peculiar, visto que o contexto de concepção é diferente do das edições anteriores, concebidas em papel. Ao se efetuar, por exemplo, a descrição de um documento digitalizado, faz-se necessário apresentar informações acerca das suas propriedades digitais (pixels da imagem, tipo de intervenção na cor, brilho, contraste, entre outras), o que não ocorreria em uma edição tradicional.

O trabalho é o de buscar maneiras de se dispor (d)o texto na tela do computador, aproveitando as cadeias argumentativas e fazendo uso das possibilidades de ligação dos textos eletrônicos, multiplicando percursos, planos e possibilidades de leitura (SANTOS, 2001, p. 53).

Peter Shillingsburg (1993) propõe oito princípios gerais de uma edição digital: acessibilidade, transportabilidade (ser compatível com as várias plataformas existentes), design lógico e agradável, segurança, integridade, expansibilidade, possibilidade de impressão e fácil navegação.

Considerando-se tais fundamentos, é possível compreender o funcionamento da edição digital e perceber algumas de suas vantagens. Nessa edição, uma quantidade infinita de informações, com formatos variados – incluindo imagem, som e vídeo – pode ser apresentada em hipertextos, acessados por meio de *hyperlinks*, de forma rápida e interativa.

A principal vantagem da representação digital reside na universalidade da própria representação. A partir do momento em que todo meio, texto, imagem ou som é codificado num formato único convertível para uma sequência de bits, todos os diferentes tipos de informação podem ser tratados da mesma maneira e pelo mesmo tipo de equipamento (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p. 11).

Com isso, pode-se ter um rico e diversificado paratexto comunicando com diferentes tipos de edição – paleográfica, semidiplomática,

genética, interpretativa, fac-similar, crítica etc. – que podem ser melhor visualizados e comparados.

Outra vantagem da edição digital é o seu amplo alcance, garantindo-lhe um caráter democrático, visto que, quando disponibilizada na rede internet, chega rapidamente a todos os lugares do mundo. Consequentemente, pesquisadores diversos podem contribuir para a atualização e complementação do conteúdo nela apresentado, o que pode ser feito de forma bem prática através das ferramentas digitais, como já afirmara Tammaro e Salarelli (2008).

Talvez a maior vantagem da edição digital seja o seu caráter libertador. Finalmente, tem-se uma edição que liberta o leitor-navegador da influência do editor, ainda que parcialmente. Isso porque o editor escolhe a(s) edição/edições a ser(em) apresentada(s) e o conteúdo do paratexto; contudo, cabe ao leitor a escolha do caminho a trilhar na edição digital, cabe a ele decidir quais *hiperlinks* acessar, cabe a ele estabelecer a sequência de sua leitura. Assim, a edição digital é única não apenas para seu editor, mas também para os leitores-navegadores que, em certa medida, se tornam também autores de tal texto. Esse caráter interativo assegura à edição digital leituras sempre diferentes, mesmo quando feitas pelo mesmo leitor, em distintos momentos.

Diferentemente do texto escrito, que em geral compele os leitores a ler numa onda linear – da esquerda para a direita e de cima para baixo, na página impressa – hipertextos encorajam os leitores a moverem-se de um bloco de texto a outro, rapidamente e não sequencialmente (SNYDER, 1996, p. 9).

A despeito da variedade de informações apresentadas na edição digital, Everest (2000) afirma que “este acumular de informação não é útil senão para especialistas e que é mesmo uma atividade fútil devido à dificuldade em ser concluída”. É preciso considerar, contudo, que cabe ao editor selecionar o(s) tipo(s) de edição mais adequado(s) aos seus objetivos filológicos e o conteúdo pertinente ao seu paratexto, além de definir seu público-alvo. Vale salientar ainda que o manuseio de *hiperlinks* é uma prática comum entre o leitor-navegador dessa era cibernética, o que invalida a observação de Everest. Da mesma forma que as características do texto, contexto e edição mudaram, também mudou o perfil do leitor, hoje habituado a criar e trilhar seus próprios labirintos. “Ao contrário do espaço linear e de mesmo nível do texto impresso, o espaço virtual do texto eletrônico opera em dimensões múltiplas (textuais, auditivas, visuais) e simultâneas” (BELLEI, 2002, p. 133) – é esse o universo da edição digital, um ambiente no qual palavras, sons, cores, imagens e

vídeos dialogam harmoniosamente, se constituindo, a todo instante, em um instigante convite ao leitor.

2.1. Edição digital de sermões de frei domingos: paixão virtual

Em 2008, o Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia deu início ao trabalho de edição dos sermões de Dom Frei Domingos da Transfiguração Machado, monge responsável pela restauração da Congregação Beneditina Brasileira no final do séc. XIX. O trabalho do Grupo de Pesquisa se consistiu na digitalização e edição conservadora dos dezenove cadernos de sermões do Frei, dando origem ao livro *Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: o Restaurador da Congregação Beneditina Brasileira*, de Lose *et al.* (2009), o qual foi lançado como parte das celebrações do centenário de morte de Dom Domingos.

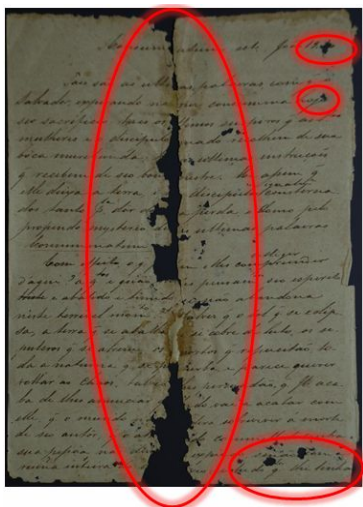


Figura 1: Sermão *Paixão*, 2v
Em destaque corrosão do papel

Fonte: Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia

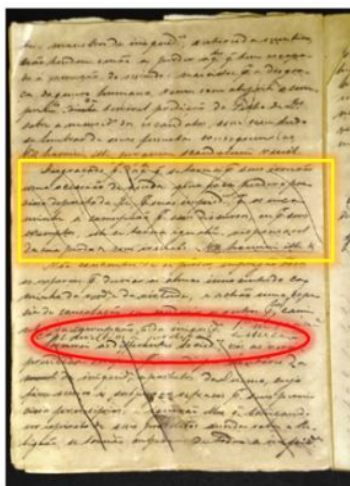


Figura 2:
Fólio com rasuras e acréscimos

Os sermões editados se constituem de esboços e rascunhos, tendo, portanto, marcas de um texto em processo de criação, como rasuras, supressões, acréscimos e substituições. Apesar de terem sido escritos entre o final do séc. XIX e início do XX, de modo geral, se encontram em bom

estado de conservação. O fólio 2v do sermão *Paixão* é um dos mais deteriorados, com corrosão em grande parte do papel.

Seis desses sermões foram selecionados como objeto do projeto de Mestrado de Marília Andrade Nunes. Com os sermões *Paixão*, *Sobre a Maledicência*, *Sobre o Escândalo*, *Nossa Senhora de Montserrate*, *São Sebastião* e *Sermão da Misericórdia*, a pesquisadora propôs efetuar uma edição digital, intitulada *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para salvação*, composta de:

- a) descrição intrínseca e extrínseca dos fac-símiles;
- b) revisão da edição conservadora feita pelo Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia;
- c) edição modernizada dos sermões, com eliminação das marcas da edição conservadora, atualização ortográfica do léxico e apresentação do que seria a “versão terminal” desses rascunhos;
- d) estudo do discurso argumentativo presente nos sermões;
- e) levantamento biográfico de Frei Domingos e contextualização sócio-histórico-político-cultural baiana e brasileira do período;
- f) estudo acerca do Mosteiro de São Bento da Bahia;
- g) apresentação dos fac-símiles dos seis sermões estudados;
- h) exposição de fotos, reportagens e vídeos relacionadas a Frei Domingos.

Nessa edição, o leitor-navegador pode, com as ferramentas digitais, comparar as edições conservadora e modernizada, lado a lado numa mesma página eletrônica, observando os movimentos de correção efetuados pelo autor e pela editora; pode ainda comparar essas edições com o fac-símile correspondente. Essa edição contempla desde o público leigo, interessado, essencialmente, no conteúdo dos manuscritos de Frei Domingos e em sua biografia, até o mais especializado, ávido pelo labor filológico das edições.

A edição digital foi feita no *Word* da *Microsoft*, um programa simples, acessível e consolidado no mercado, o que garante a constante manutenção da edição – atualização das informações apresentadas. Além disso, permite que filólogos sem muita experiência na área da informáti-

ca consigam efetuar todo o processo, não sendo necessário delegar a terceiros a tarefa de construção da edição digital.

A Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para a salvação tem sua página inicial assim planejada:

... em seu plano de fundo uma imagem antiga de Frei Domingos, exercendo a função de marca d'água, com várias caixas, que representam peças de um mosaico – arte antiga e ainda muito usada na atualidade – e dentro delas *hiperlinks* – uma marca da era digital – os quais remetem às páginas do trabalho (LOSE et al., 2011, p. 88).



Figura 3: Página inicial da Edição Digital

Tal página inicial exerce a função de um sumário, contudo, não dispõe de uma sequência rígida, garantindo o caráter libertador da edição digital. A escolha do seu *design* corrobora a ideia de harmonia e completude que se acredita existir entre o antigo e o moderno, entre as edições tradicionais e a digital. O subtítulo da edição – *um hiperlink para a salvação* – remete à crença de que, com a edição digital, os sermões de Dom Frei Domingos, datados dos séculos XIX e XX, estão salvos da ação do tempo, umidade, bactérias e demais agentes danosos, e vida e obra do Frei estão salvos do esquecimento.

3. Considerações finais

A proposta de uma edição digital não significa simples adesão ao modismo da era cibernética, mas a certeza de que a filologia pode e deve acompanhar seu tempo, fazendo dos recursos disponíveis aliados em prol do seu objetivo fundamental – garantir a preservação e divulgação do patrimônio linguístico.

A partir dessa breve análise espera-se ter contribuído para a compreensão do conceito de edição digital e seu papel dentro da filologia, na era moderna. Ademais, acredita-se que essa edição digital se adequa e contempla o objetivo de trazer ao público leigo e especializado os sermões de Frei Domingos, garantindo seu estabelecimento e difusão.

“Há momentos corais que juntam o que está dividido ou revelam a matéria comum ao que até aí fora percebido como separado” (DIONÍSIO, 2006). Acredita-se que seja esse o papel da edição digital e, em especial, de *Edição Digital de Sermões de Frei Domingos: um hiperlink para salvação* – juntar, com harmonia, épocas, edições e estudos distintos e, dessa forma, revelar a completude de sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A biblioteca virtual, a utopia digital e o leitor tropical. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 5., 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2002, p. 133-137.
- CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Paulo Roberto Dias; PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CIRILLO, José. Acervos digitais e crítica genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012.
- DIONÍSIO, João. Ab la Dolchor del Temps Novel? In: DIONÍSIO, João et al. *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/jdionisio/index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

EVEREST, Kelvin. Historical Reading and Editorial Practice. In: BRAY, Joe; HANDLEY, Miriam; HENRY, Anne (Orgs.). *Ma(r)king the Text: the presentati-
on of meaning on the literary page*. Aldershot, ENG: Ashgate, 2000, p. 193-200.

GREG, W.W. The Rationale of Copy-Text. *Studies in Bibliography*, Virgínia (EUA), v. 3, p. 19-36, 1950-51. Disponível em:
<<http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb/>> Acesso em: 23 jun. 2012.

LOSE, Alcía Duhá et al. *Sermões de frei Domingos da Transfiguração Machado: o restaurador da Congregação Beneditina Brasileira*. Salvador: Edições São Bento; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2009.

_____. O. Edições digitais de manuscritos: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie-Hélène Paret (Orgs.). *Materialidade e virtualidade no processo criativo*. Vinhedo: Horizonte, 2011, p. 77-99.

NUNES, Marília Andrade; LOSE, Alcía Duhá. Edição digital de Sermões de frei Domingos da Transfiguração Machado: uma nova etapa. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 5, 2010, Salvador. *Anais...* Salvador: Mosteiro de São Bento da Bahia, 2012.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. O livro eletrocutado: tratamento e leitura de textos através do hipertexto. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 4, 1999, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2001, p. 53-56.

SHILLINGSBURG, Peter L. General Principles for Electronic Scholarly Editions. *MLA Committee on Scholarly Editions*, Toronto, 1993. Disponível em:
<<http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SNYDER, Ilana. *Hypertext: the electronic labyrinth*. Washington: New York University Press, 1996.

SOUSA, Ana. Análise do sítio The Geoffrey Chaucer Website Homepage. *DigLitWeb*, 2004. Disponível em:
<<http://www.ci.uc.pt/diglit/DigLitWebEdeEdicaoElectronicaEnsaio22.html>>. Acesso em: 7 jun. 2012.

TANSELLE, G. Thomas. Classical, Biblical, and Medieval Textual Criticism and Modern Editing. *Studies in Bibliography*, Virgínia, EUA, v. 36, p. 21-68, 1983. Disponível em: <<http://etext.virginia.edu/etcbin/toccer-sb?id=sibv036&images=bsuva/sb/images&data=/texts/english/bibliog/SB&tag=public&part=2&division=div>>. Acesso em: 7 jun. 2012.